

Do Particular ao Articular: Yanomami do Homoxi frente às florestas degradadas pela corrida do ouro (1987-1998 e 2013- presente)

Maurice Seiji Tomioka Nilsson⁶⁷

Resumo: A Terra Indígena Yanomami tem no Homoxi, nas cabeceiras do Rio Mucajaí a região mais extensamente degradada pelo garimpo, durante a febre do ouro em 1988. A história desse episódio está relativamente bem documentada em MacMillan (1995) e em Albert & Tournau (2005). O processo que venho a descrever nesse texto é sobre os modos de ocupação da floresta pelos Yanomami, relacionados à mobilidade e sobre a paisagem comumente resultante, incluindo áreas de regeneração das antigas clareiras de roças, que incorporam cultígenos com espécies adaptadas à situação pioneira, incluindo cogumelos, insetos e outros apreciados alimentos para os Yanomami. E sobre como esses processos criadores de novas paisagens, se transformam com a degradação causada pela corrida do ouro no Homoxi. Bruce Albert afirma ao final de seu artigo que, contra as aparências detectadas pelas equipes de saúde, os Yanomami do Tirei, aqueles que permaneceram na região degradada, sempre em busca dos utensílios e ferramentas dos napêpê (não Yanomami), exerciam uma ação dentro das dinâmicas de troca e aliança comunitária dos Yanomami; proponho aqui desenvolver um pouco mais esse argumento, apresentando evidências a partir da observação etnográfica dos anos em que trabalhei com eles (2002-06), e juntando com informações da história da paisagem no Homoxi, entre 1988 e hoje, com base na interpretação de imagens orbitais, dados da mobilidade e testemunho de campo.

Introdução

As paisagens encontradas na Amazônia tem sido cada vez mais reconhecidas como fruto de uma interação com as populações ameríndias, concomitante ao processo de habitar, produziram o espaço, imprimindo uma paisagem específica (Clement, Denevan *et al.*, 2015; Levis, Costa *et al.*, 2017). Entendida dessa forma, a Amazônia não é uma paisagem dada, onde os povos vieram viver, mas uma construção onde diversos elementos são reconhecíveis como fruto dessa interação. As práticas de intervenção atuais dos povos indígenas são interessantes objetos de estudo para se pensar como se

⁶⁷ Doutorando no Programa Humanidades, Direitos e outras Legitimidades, (Diversitas USP) contato: mauricetomioka@gmail.com



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

opera essa produção do espaço, e permitir especulações sobre esses processos e a paisagem resultante, sobre o pensamento indígena em relação a tais processos.

Os Yanomami são um povo de recente contato que mantém um território contínuo onde os processos de mobilidade são relacionados à sua organização social, sobretudo (Albert, 1985). A mobilidade Yanomami tem sido estudada em sua possível relação com os processos de construção da paisagem, através dos distúrbios que ela provoca, evoluindo para uma renovação da floresta (Nilsson e Fearnside, 2011). Nessa renovação, elementos dos agroecossistemas são disseminados, bem como espécies úteis são (nem sempre) voluntariamente disseminadas; outras espécies vicejam, associadas aos sistemas que se desenvolvem a partir do distúrbio inicial da clareira de roça e moradia. No ato de morar, os Yanomami produzem muita movimentação de matérias, desde sementes, restos de alimentares que interferem qualitativamente no espaço habitado e nas futuras transformações ecossistêmicas.

O contato intercultural foi bastante traumático nos casos em que a corrida do ouro foi a protagonista pelo lado não Yanomami. Invariavelmente, a presença dos garimpeiros provocou choques epidemiológicos, desestruturação social e resultou numa alteração das condições sanitárias e ecológicas das regiões afetadas. Grande parte das invasões garimpeiras se concentrou em áreas da Serra Parima. A Serra Parima é um imenso planalto que chega a mais de 1200m de altitude, e onde existem diversas comunidades Yanomami, formando variados grupos de aliança intercomunitária. O *Homoxi*, localizado nas cabeceiras do Rio Mucajaí é a região mais extensamente afetada pela presença garimpeira; ali viviam dois grupos populacionais Yanomami, um constituído de duas comunidades, e outro unificado. Boa parte dessas populações migrou para as cabeceiras do Orinoco, em função das dificuldades causadas pelo garimpo. Apesar de tudo, sempre houve um grupo de pessoas que permaneceram na região degradada, os Terei theripë. O objetivo é identificar o contexto dessa escolha, frente ao modo de vida Yanomami, utilizando-se de uma análise geográfica das transformações na paisagem através do tempo; o aporte etnográfico da experiência do Autor ali baliza e auxilia a compreensão do que é observado com as imagens orbitais. Primeiro analisaremos o efeito do garimpo sobre o Homoxi, Alto Rio Mucajaí, no Brasil. Em seguida as trajetórias dos grupos e as paisagens resultantes, muitas já na Venezuela, na Bacia do Alto Orinoco. Analisamos então o contexto que leva o pequeno grupo a permanecer no Brasil, próximo ao posto, na paisagem afetada pelo garimpo.

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Homoxi

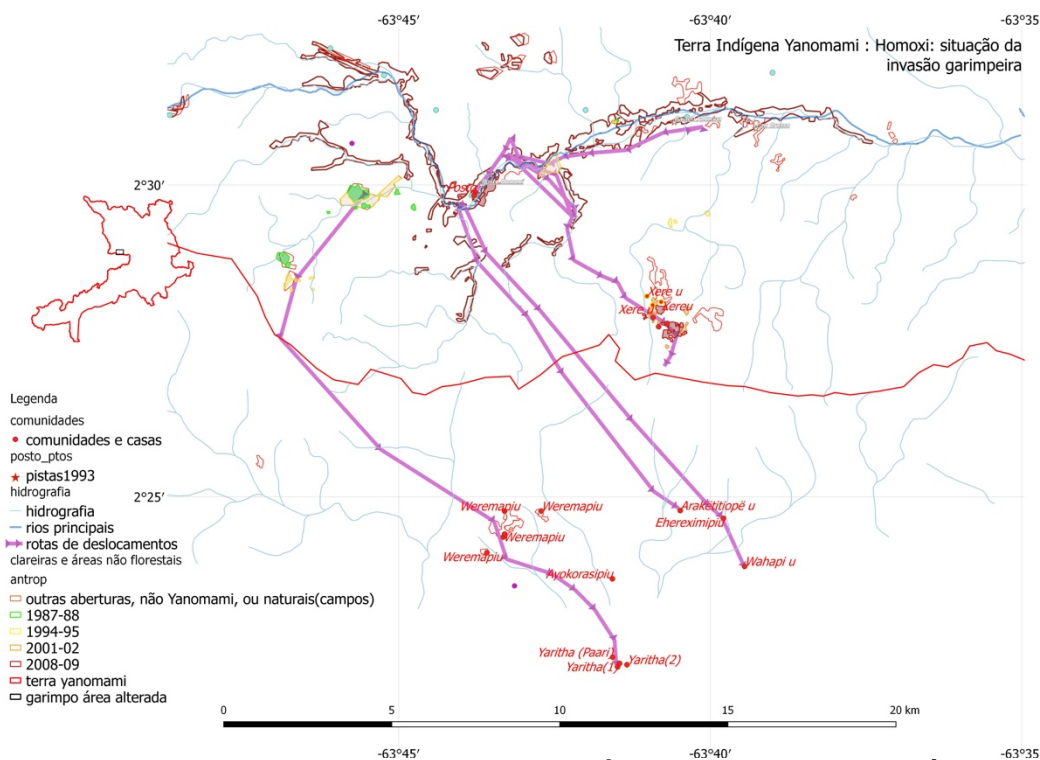


FIGURA 1: MAPA DA REGIÃO DO ALTO MUCAJAÍ, HOMOXI, E AS TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS DE SUAS POPULAÇÕES

Antes de apresentar as imagens de satélite, faz-se necessário explicar sobre como interpreta-la em seus aspectos mais simples: tratam-se de imagens coloridas com falsa-cor, a partir da reflectância captada por três bandas do espectro eletromagnético (bandas 3=azul, 4= verde e 5=vermelho). A vegetação florestal aparece em verde mais escuro, as áreas alteradas, mas com vegetação, áreas de roça ou vegetação de menor biomassa aparecem com verde mais claro e as áreas abertas, cascalheiras de garimpo, roças novas com solo exposto aparecem em rosa, ou lilás, ainda podendo se identificar nuvens em

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

branco, sombras de nuvens ou de relevo em preto, e lagos, espelhos de água cristalino (em preto, também) ou de água turva, barrenta (em azul).

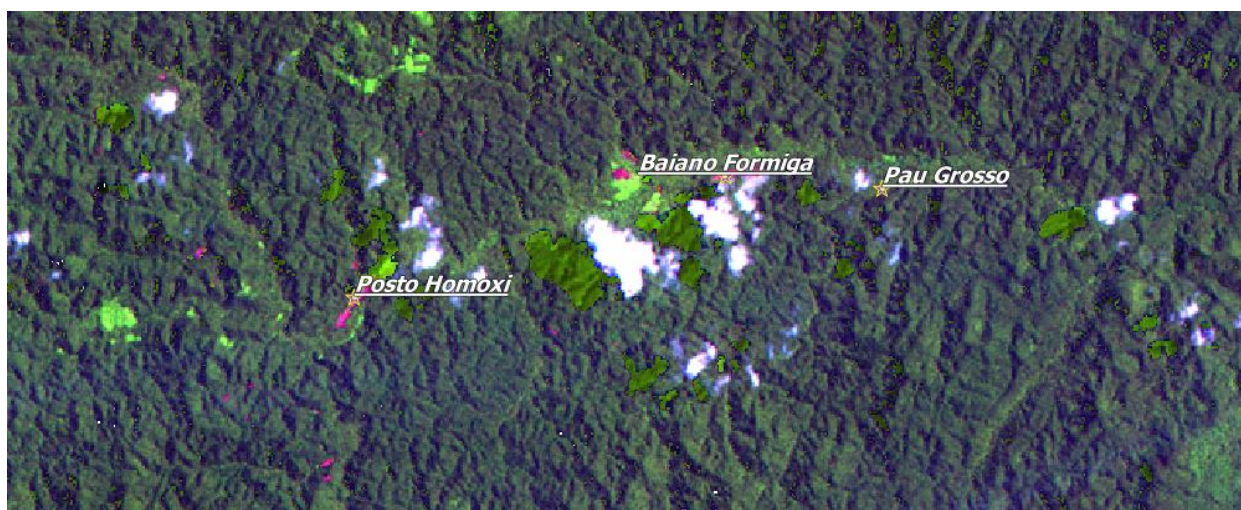


FIGURA 2: IMAGEM DE SATÉLITE LANDSAT 5 TM DE 1988 COM A REGIÃO DO HOMOXI, CABECEIRAS DO RIO MUCAJÁ

Em 1988 vivia-se o auge do garimpo na TIY (Ricardo, 1991; Macmillan, 1995); no Homoxi já havia algumas pistas construídas, a partir da “grotta do Tarzan”: a primeira a ser construída foi a pista Malária (Albert e Tourneau, 2005), 700 m de comprimento, e que se encontra à esquerda da identificada como “Jeremias (Funai)”⁶⁸. Além dessa, é visível na imagem de 1988 a Pista Baiano Formiga e outras alterações, pois atrai mais garimpeiros e se mostra muito mais dinâmica, nesse momento.

Na imagem de 1993, ano em que houve a explosão de pistas de pouso em várias regiões da Terra Yanomami, o Homoxi já aparece como o local de maior degradação ambiental da TIY, sendo que o Rio *Uxiwau*, o Alto Mucajá apresenta-se todo escavado e coberto por diversas cascalheiras sem cobertura vegetal. Além da pista do Jeremias, já estabelecida, estão visíveis as pistas do Macarrão, a oeste da mesma, a pista Julio do Blefe não aparece na imagem, mas foi aberta sobre as antigas roças do *Homoxiu*, grupo que hoje habita o *Yaritha*.

⁶⁸ embora ela só tenha se tornado pista oficial muito mais tarde, com a instalação do posto da Funai (1998) e posteriormente o posto de saúde (2000)

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

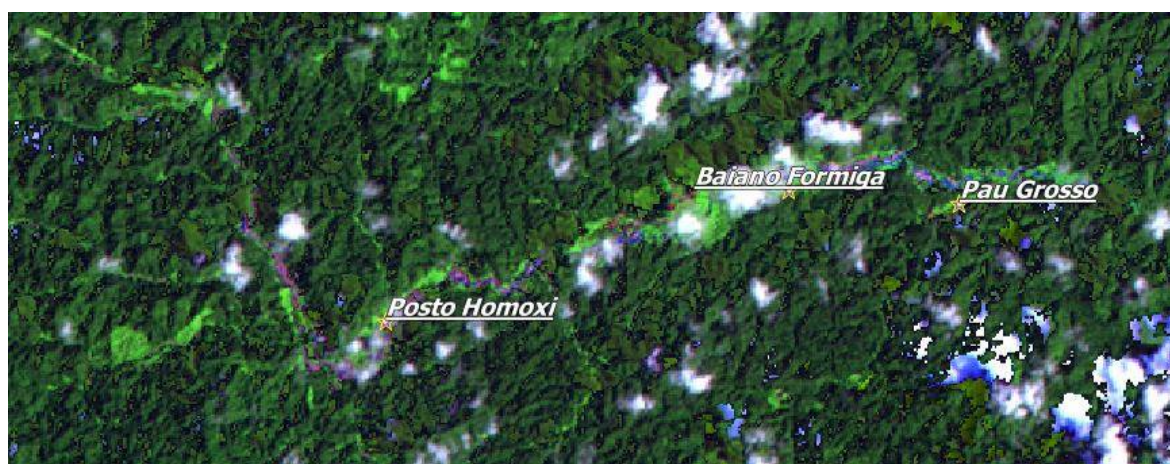


FIGURA 3: IMAGEM DE SATÉLITE LANDSAT 5 TM DE 1993 COM A REGIÃO DO HOMOXI, CABECEIRAS DO RIO MUCAJAÍ.

A jusante da Jeremias, depois de uma faixa em que as margens do Rio Mucajaí encontra-se totalmente destruída, temos a Pista Chimarrão, Paraná e Baiano Formiga, e depois Pau Grosso. Ainda ao Norte da Pista Macarrão, encontramos a Pista Malária. Todas se distinguem no conjunto de áreas afetadas, já sem floresta, que acompanham o curso do Alto Mucajaí e afluentes.



FIGURA 4: IMAGEM DE SATÉLITE LANDSAT 5 TM DE 1994 COM A REGIÃO DO HOMOXI, CABECEIRAS DO RIO MUCAJAÍ.

Na imagem de 1994, já há pistas destruídas, mas Pau Grosso, Baiano Formiga estão plenamente ativas e as lagoas resultantes da atividade são visíveis em toda extensão dos cursos. O Rio *Apiahipiu*, afluente do *Uxiwau*/Alto Mucajaí antes habitado pelos atuais *Xereu Theripë*. Os Yanomami do Xereu recorreram ao *Apiahipiu* para fugirem da onda destruidora da corrida do ouro; esse momento marca o que Bruce Albert (2002, 2004) indica como uma imersão no mundo do garimpo, onde os Yanomami não têm mais

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

escolha e os garimpeiros pouco necessitam negociar com os donos da terra, pois já são maioria. A desorganização sanitária, social e ambiental já se consolida, com fortes índices de malária e gripe.

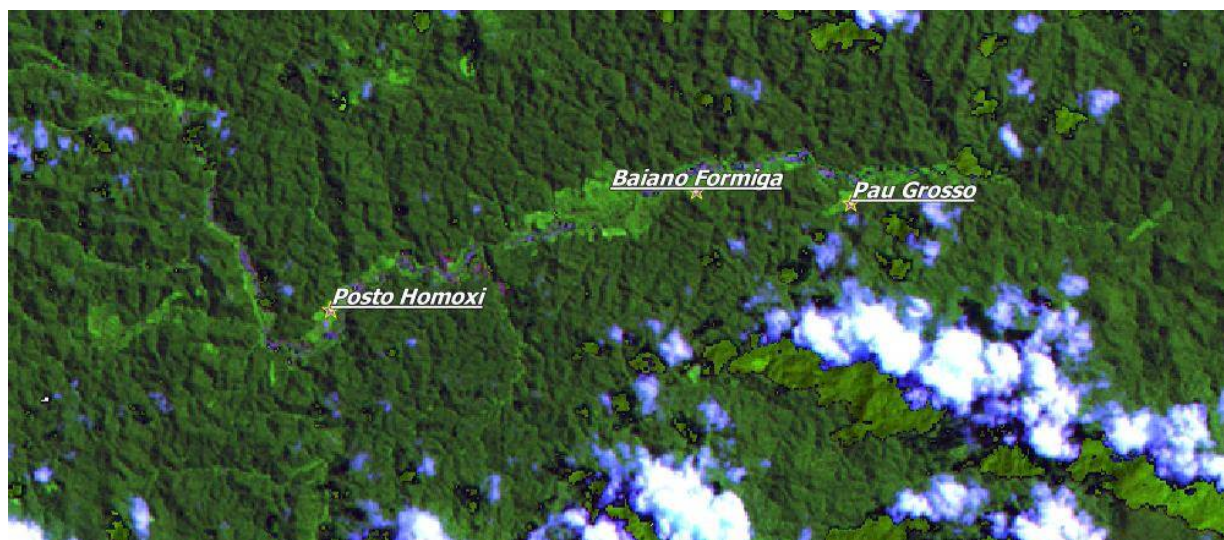


FIGURA 5: IMAGEM DE SATÉLITE LANDSAT 5 TM DE 1996 COM A REGIÃO DO HOMOXI, CABECEIRAS DO RIO MUCAJAI.

Em julho de 1996, embora o garimpo reflua na maior parte das regiões da TIY, no Homoxi ele ainda se encontra em atividade; em 1998 são retirados os últimos garimpeiros ativos nas pistas Pau Grosso e Baiano Formiga. Na imagem, são nítidas atividades em grotas próximas às pistas do Chimarrão, do Macarrão, Pau Grosso e Baiano Formiga.

1999 marca o primeiro momento em que as atividades de garimpo praticamente cessaram na região mas ainda tarda a recuperar a degradação por ela causada. As lagoas ainda aparentes, a vegetação alterada e a desorganização social impedia a reconstrução das roças na região. A Funasa está instalada a partir da Pista Baiano Formiga, e logo se mudaria para a Jeremias.

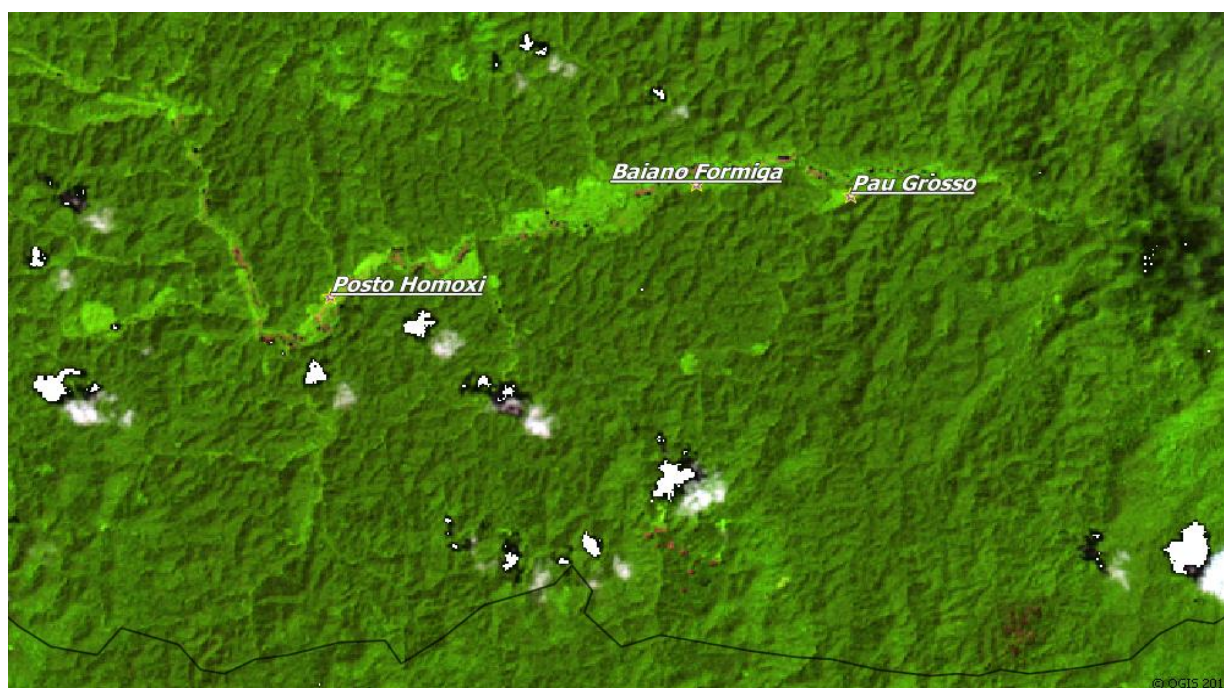


FIGURA 6.:IMAGEM DE SATÉLITE LANDSAT 5 TM DE 1999 COM A REGIÃO DO HOMOXI, CABECEIRAS DO RIO MUCAJÁÍ.



FIGURA 7.:IMAGEM DE SATÉLITE LANDSAT 5 TM DE 2008 COM A REGIÃO DO HOMOXI, CABECEIRAS DO RIO MUCAJÁÍ.

Em 2008 temos o mais extenso período de recuperação no Homoxi, já praticamente dez anos sem garimpo, tendo tido a experiência inovadora em educação e saúde na primeira metade da década, a paisagem demonstra tal renovação, incluindo formação de grande bosques homogêneos de *kahusiki* (*Cecropia sp*), árvore que possui

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

frutos comestíveis e atrativos para caça, bem como presença de *momokiki*, frutos de uma euforbiácea *momohi*, (*Micrantha rossiana*) cujas sementes também são apreciadas pelos Yanomami. Nesse tempo, houve uma melhora das condições sanitárias, seguida de uma desorganização do sistema de saúde, a partir de 2003. com isso, os Yanomami em sua maioria vivem uma maior autonomia em relação aos *napëpë*, ao pessoal da saúde. Boa parte deles possuíam casas na Venezuela, ora como segundas residências, ora como sua principal, tornando o posto menos visitado do que antes. Se no início dessa década, já prevalecia um incentivo de promover a saúde com maior presença nas comunidades, o momento seguinte, com a instabilização dos serviços de saúde os Yanomami de Homoxi passam a permanecer mais tempo nas suas casas na região do *Hayathau*. Mas a desestruturação da saúde teve como consequência um esvaziamento da presença do Estado na região, levando a uma possibilidade de nova invasão que vem a se concretizar, ano a ano culminando com 2016, retratado por imagem do período:



FIGURA 8: IMAGEM DE SATÉLITE LANDSAT 5 TM DE 2016 COM A REGIÃO DO HOMOXI, CABECEIRAS DO RIO MUCAJAÍ.

Essa é a situação atual mostrada na imagem de outubro de 2016: o posto apresenta-se estável, apesar de algumas colinas próximas ter sofrido alterações provavelmente no início do ano. Observam-se bastante alterações no entorno das pistas Baiano Formiga e Pau Grosso: na região das cascalheiras que margeiam o curso, várias clareiras indicando atividade, e nos morros mais próximos, há alteração também com raleamento da vegetação.

O garimpo voltou a ocupar um lugar de destaque nas relações do Homoxi, o que certamente acirrará conflitos com os Yanomami que ainda permanecem ali, ainda que por alternativa mantém casas na bacia do Alto Orinoco. São diversos os momentos de minha convivência em que ouvi discursos expressando tamanha indignação e incompreensão

sobre as razões que levavam esses forasteiros a recolherem pedras do chão removendo todo o resto que não aproveitavam e deixando tudo, água e terra de forma imprestável.

Diversos foram os movimentos migratórios que tiveram como motivo direto ou indireto o garimpo. E conflitos abertos pelo fato de estarem tais invasores destruindo as condições sanitárias da floresta. A seguir farei o mesmo tipo de análise aqui focada nos garimpos indicando a mobilidade Yanomami e o desenvolvimento de suas roças e locais de moradia dos três grupos: Tirei, Xereu e Yaritha.

Homoxi Yaritha



FIGURA 9:IMAGEM DE SATÉLITE LANDSAT 5 TM DE 1986 COM A REGIÃO DO HOMOXI, CABECEIRAS DO RIO MUCAJÁÍ.

Analisaremos a trajetória dos *Homoxi Theripë* (povo do Homoxi) até sua posição atual no *Yaritha* e busca compreender as implicações do garimpo nessa migração. Os Homoxi são um grupo atualmente com cerca de 190 Yanomami habitando a Venezuela. Em 1986 eles habitavam a região homônima, emprestado da comunidade. Os Yanomami dessa comunidade sempre se posicionaram críticos ao garimpo e, veremos, boa parte das mudanças foram relacionadas à fuga do garimpo e perda das condições sanitárias para habitação.

A imagem de fevereiro de 1986 mostra a clareira dos *Homoxi*, com duas roças novas numa extensão das roças velhas, capoeiras e outras em produção. Além das clareiras abertas, mais outra em nova posição na floresta, ao leste da clareira principal. Ao redor, não há pistas abertas (a imagem foca na atual posição da pista do Jeremias)

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

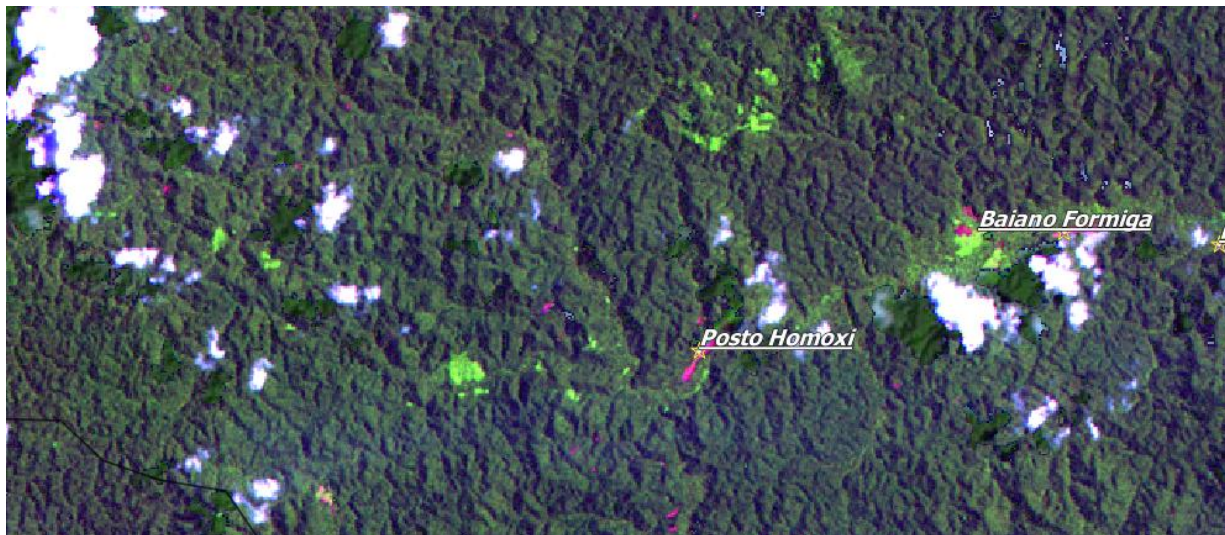


FIGURA 10: IMAGEM DE SATÉLITE LANDSAT 5 TM DE 1988 COM A REGIÃO DO HOMOXI, CABECEIRAS DO RIO MUCAJÁÍ.

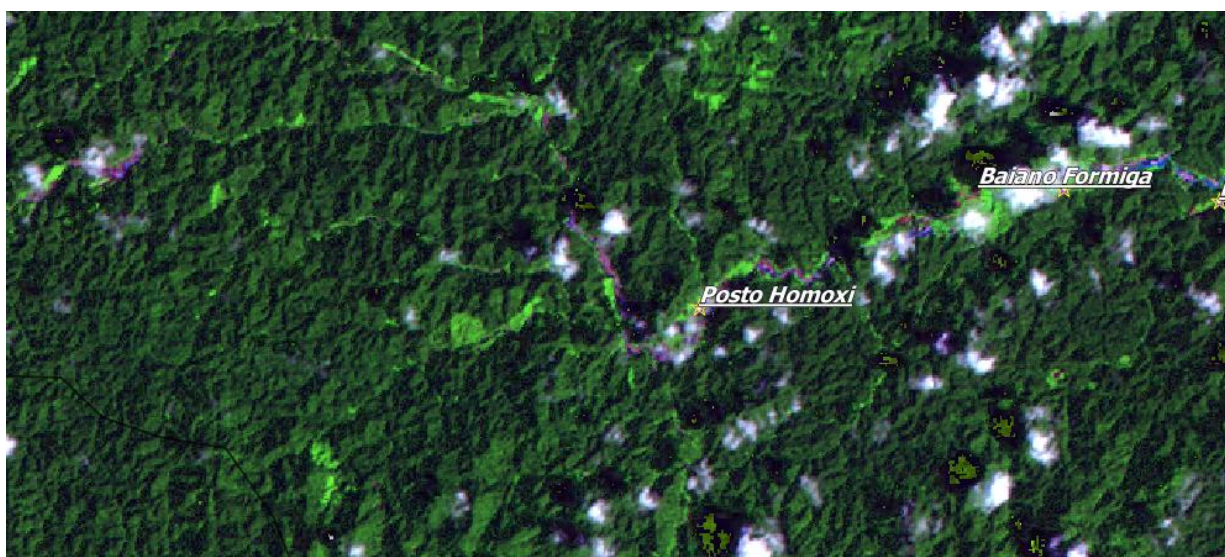


FIGURA 11: IMAGEM DE SATÉLITE LANDSAT 5 TM DE 1993 COM A REGIÃO DO HOMOXI, CABECEIRAS DO RIO MUCAJÁÍ.

Na imagem de agosto de 1988, a clareira já não está mais habitada, a região ocupada pela presença garimpeira em vários focos: a Pista do Jeremias já aberta, várias clareiras de grotas, associadas ao uso das pistas, que permitiram a intensificação da circulação de pessoas; no caso do Homoxi, os garimpeiros prospectavam e exploravam ouro e cassiterita. Vemos, ao sul dessa imagem, a nova clareira aberta pelos *Homoxi Theripë*, em região mais montanhosa, quase na fronteira com a Venezuela. Importante

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

lembrar que a localização desse sítio impõe condições mais adversas à produção de roças, menos planas.

A imagem de 1993, onde era a antiga morada dos *Homoxi*, foi nessa época aberta a pista “Jurubreve” (Julio do Blefe), aberta a motosserra sobre o sítio de capoeiras (*hutu wãropata*) dos *Homoxi Theripë*; um finado ex-morador foi ao local surpreendeu-se com a pista ali onde era sua antiga residência. O local tornara-se inabitável: restos de garimpo por toda parte; cascalheiras, galões de combustível, tambores, restos de máquina e um avião caído.



FIGURA 12 IMAGEM DE SATÉLITE LANDSAT 5 TM DE 1993 COM A REGIÃO FRONTEIRIÇA AO HOMOXI, NAS CABECEIRAS DA BACIA DO RIO ORINOCO, VENEZUELA.

Ainda em 1993, simultaneamente, o grupo do Homoxi já possuía uma roça próximo à fronteira venezuelana. Ali, abriram mais duas clareiras, uma no caminho (à esquerda, oeste) e outra no lugar onde permaneceriam mais tempo, no *Wiramapiu* (à direita, leste)

A imagem de 1993 mostra o *Wiramapiu* em uma região de alto de serra, que atinge 1600m. de altitude, e tendo poucas terras menos inclinadas para cultivo. Tais terras em situação de platôs foram e são ocupadas até hoje, com renovação de roças, mas em 1999 eles já haviam iniciado a abertura de um novo sítio que seria a moradia principal deles nos anos subsequentes.

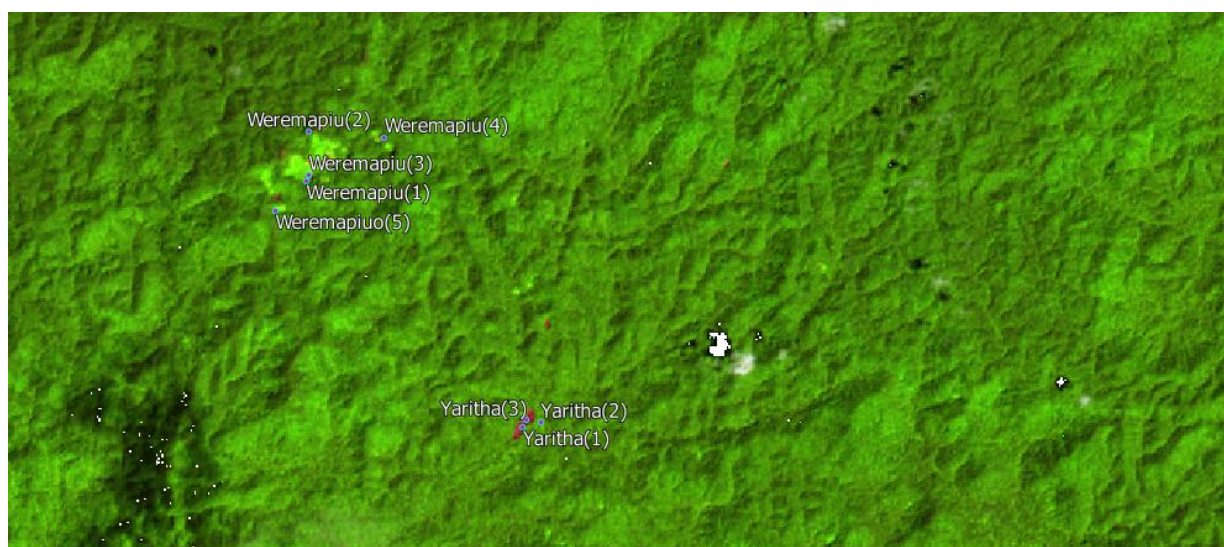


FIGURA 13: IMAGEM DE SATÉLITE LANDSAT 5 TM DE 1999 COM A REGIÃO DO HOMOXI, NA BACIA DO RIO ORINOCO, VENEZUELA

Em 1999 a clareira do Yaritha estava em processo de abertura e está visível ao sul da imagem. Enquanto isso, o *Wiramapiu* permanece ativo. Os dois sítios se tornarão concomitantes, como pouso alternativo da outra. Mesmo com o paulatino crescimento do *Yaritha*, o *Wiramapiu* mantém suas casas e ainda útil e visitado.

Em 2008 as duas clareiras demonstram que se mantêm utilizadas pelos Yanomami. Ali já surge a casa nova do Menininho, *Ayokorasipiu*. Essa casa não se mantém por muito tempo, e o *Yaritha* permanecerá como residência principal do grupo, mesmo após a morte de uma liderança famosa, interpretada como não vítima de algum ataque externo. Assim como nas roças ativas dos Tirei/Xereu theripë, denominadas *Wahapiu*, *Arakititiopëu* e *Ehereximipiu*, há intensa atividade nos sítios de ocupação na Venezuela dos dois grupos, enquanto retratamos uma recuperação ambiental da parte afetada pelo garimpo, na parte brasileira do Homoxi.

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017



FIGURA 14: IMAGEM DE SATÉLITE LANDSAT 5 TM DE 2008 COM A REGIÃO DO HOMOXI, NA BACIA DO RIO ORINOCO, VENEZUELA.



FIGURA 15: : IMAGEM DE SATÉLITE LANDSAT 5 TM DE 2016 COM A REGIÃO DO HOMOXI, NA BACIA DO RIO ORINOCO, VENEZUELA

Na imagem de 2016, o *Wiramapiu* ainda permanece ocupado e com roças hoje, mas que a morada principal dos antigos *Homoxi Theri* tornou-se o *Yaritha*, ao sul. *Yaritha* (local com muitas baixadas, com terras planas) fica na bacia do *Hayathau*, um afluente do *Ruapëu* em uma região de colinas intermediárias. Suas roças se ampliaram desde sua abertura em 1999. Ali se encontravam quatro casas comunitárias (yano): a principal, a de



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Menininho, a de Ceará e a de Paulo. Alcançam as terras baixas do *Hayathau* com várias novas clareiras, uma profusão de roças em abertura e produção.

A trajetória dos *Homoxi/Yaritha Theripë* demonstra que boa parte de sua mobilidade teve como objetivo a fuga das condições sanitárias e sociais criadas pelo garimpo, o que eles afirmam com clareza. E que é perceptível quando eles encontram uma bacia hidrográfica isenta de garimpo e com terras adequadas ao cultivo e à vida, e permanecem ali a um tempo muito maior, apesar das dificuldades com a atenção à saúde. As migrações das décadas de 1980-1990, especialmente em 1988, quando abandonam o *Homoxi u*, e em 1993, com a ida ao *Wiramapiu* demonstram que o afastamento da região do Rio *Uxiwau* era necessário para o grupo. A insatisfação com a presença garimpeira foi claramente afirmada em vários momentos em que convivi com os *Homoxi theripë*. Sempre relataram esse período como de dificuldades criadas pela escassez de certos recursos. E acabaram por garantir para si a busca de uma localidade em condições de reconstruir as habitações perdidas para a degradação ambiental. Dentre tais condições, puderam abrir novas roças a cada ano, com sua habitual diversidade agrícola, caminhar pelas florestas circunvizinhas, manter as visitas dos outros grupos aliados, incluindo, dentre eles os *Tirei Theripë*, o povo que ficou no posto nas proximidades de onde houve garimpo e posterior atenção à saúde e agora sofre o retorno do garimpo.

Tirei e Xereu

Os grupos do Tirei e Xereu correspondiam, em 2000 a 160 pessoas, divididas nas duas comunidades; uma, optara por viver ao lado da pista Jeremias, próximo ao posto de saúde. A outra, o Xereu já habitava a essa época o igarapé homônimo, distanciando-se da calha principal do *Uxiwau*, afetada demais pela atividade garimpeira. Foi no ano de 2002 a notícia que as roças que eles tinham plantado na Venezuela estavam produzindo; a maioria deles, tanto do Xereu como do Tirei, participavam das Três roças abertas que viriam a se tornar as comunidades de *Ehereximipiu* (Romão, Carlussi) *Wahapiu* (Garcia, Renato) e *Arakitititopëu* (Bauro, Loro). Um pequeno grupo decidiu manter-se no posto, com cerca de 16 pessoas. O que levou esse grupo a essa escolha? Como teria sido pensado? Uma decisão de não acompanhar aliados co-residentes, primeira vista pareceu ser. Os *Tirei theripë* mantinham no entanto as relações de aliança com todos os outros grupos do *Homoxi*, visitavam em reuniões de *arihimou* (em que se preparam bebidas alcoólicas fermentadas a base de mandioca) e levavam materiais de trocas adquiridos no posto. Mantinham seu uso territorial, com coletas de lagartas, de caranguejo e camarões, de larvas de cupim e de frutas e castanhas, como o *Kahusiki* e o *momo kiki*, a primeira,



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

decorrência das enormes capoeiras formadas em pistas de pouso abandonadas e a segunda uma semente de uma euforbiácea que requer um preparo para torna-la comestível.

Tendo respeito pela elaboração político-territorial dos Yanomami, não se tratava de um vício como pudesse supor os profissionais da saúde. Tratava-se de uma decisão deliberada e que era melhor explicada tendo a visão de uma articulação política com os outros aliados que produziram as roças na Venezuela. A ocupação de um espaço junto aos napë, enquanto fonte de objetos preciosos e de uma aliança, de proteção à saúde, se tratava de algo fundamental para a segurança dos Yanomami. As dificuldades de ocupar um espaço deteriorado sugeriam que isso fosse feito por um grupo menor. E esse grupo passou a fazer o trabalho de obter ferramentas e outros utensílios para todas as famílias aliadas, que eram solicitadas e logo fluíam para a rede de alianças dos Yanomami. Por sua vez, os habitantes de Venezuela forneciam condições de vida melhor para o povo do posto, sobretudo com produtos da roça, atestando a relação de reciprocidade.

A mobilidade diária torna-se uma ferramenta na busca de alimentos e recursos, numa paisagem transformada pela ação garimpeira. Baseado no sistema de alianças intercomunitárias, mas tendo que se colocar como uma comunidade relativamente autônoma, os habitantes do Tirei assumem os dois lados dessa condição, de articular com outros grupos e de garantir subsistência num sistema transformado. A substituição de recursos extintos a curta distância, como as palmeira *paahanaki* (*Geonoma* sp.) usada na cobertura de casas e encontrada normalmente nas formações sedimentares fluviais. Parte da cobertura das casas era de lonas encontradas do garimpo, ou de telhas de metal das casas demolidas de postos de contato antigos. Na busca de alimentos em áreas transformadas pode significar longas distâncias, no caso de alguns recursos florestais. como o acesso ao *naraupë* (copaifeira sp), que só se encontra após dada altitude e que os *tirei theripë* trocam com os habitantes da serra. Isso não difere tanto de processos anteriores de obtenção de alimentos, indicando que os Tirei mantiveram similar domínio sobre o território em novas condições.

A caça de veados *haya pë* (*Mazama* sp) se dá com certa frequência próximo ao posto, nas áreas abertas. Correr atrás de veado era cena comum na região da própria pista de pouso, muitas vezes com sucesso. Num dado momento exclamei que ali deveria ser o rio *Hayathau*, nome do rio que verte para o Orinoco e banha as casas do *Yaritha*, afinal ali havia muitos veados,. Os moradores explicaram que os veados que ali eles caçavam tinham origem na região de *Hayathau*, por isso que lá é que possuía o nome. Assim, temos que a fauna da região da pista de pouso, afetada pelo garimpo se beneficia da presença da floresta no Alto Orinoco, a cerca de cinco horas de caminhada. Os



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

hayapë se deslocam e vêm viver na bacia do Uxiwau, com sua condição modificada de áreas abertas em plena floresta.

As condições alteradas de florestas não tornaram o Homoxi menos valorizado do ponto de vista dos seus habitantes resilientes. Para eles, deu-se uma nova condição atrativa, relacionada ao que o posto proporciona, e mantém assim, uma estratégia eficiente de aproveitar tais benefícios ao mesmo tempo em que a maior parte do povo vive alheio à degradação, só recorrendo ao posto por motivo de saúde. Mesmo a saúde não se tornou uma questão de dependência, na visão dos Yanomami: na piora do atendimento, com a saída da Urihi, em 2004, os Yanomami do Homoxi demonstraram se utilizar de soluções melhores do que as apresentadas pelos profissionais do posto: uma criança com queimaduras teve suas feridas cobertas com a resina da *Couma* sp. *Operema axihi*, que é hoje reconhecida como cicatrizante.

A polissemia do termo *urihi* (floresta, mas também terra, território) pode aqui assumir uma de suas acepções com maior profundidade: a de território, aqui parece se destacar, mais que as outras, definindo-se para os Yanomami do Homoxi como um lugar para ser ocupado por eles, independente de sua condição, como *ipa urihi* (minha floresta), mesmo quando o ambiente florestal já não justificaria utilizá-lo para definir a formação vegetal, já não mais florestal. As degradações pelos garimpeiros não lhe tiraram o caráter político de sua ocupação, mesmo tendo alterado sua ecologia ao ponto de exigir adaptações para garantir sua ocupação. O quão deprimente possa ser cobrir a casa com lonas e telhas de zinco, na aparência, não desfaz a dignidade de garantir a apropriação do território de morada. Cabe reconhecer a dívida que o Estado Nacional tem em permitir a deterioração de uma terra indígena pela exploração mineral. A reparação necessária começa por manter a terra protegida. Os recentes novos episódios de garimpagem na região do Homoxi indicam a pouca dignidade que tem sido corrente no trato com os povos indígenas, no caso do Homoxi novamente ameaçados pela atividade ilegal que os têm prejudicado.

Referências

Albert, B. Temps du sang, temps des cendres: representation de la maladie, système rituel e espace politique chez les Yanomami des Sud-est (Amazonnie Brésilienne). (doctoral thesis). Nanterre Paris X Nanterre Paris, France, 1985. 800 p. p.

Albert, B. e F. M. L. Tourneau. Homoxi: ruée vers l'or chez les indiens Yanomami du haut Rio Mucajaí. *Autrepart*, v.34, n.2, p.184. 2005.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Clement, C. R., W. M. Denevan, *et al.* The domestication of Amazonia before European conquest. . Proc. R. S. B.: v.282, n.1812, p. 20150813. 2015.

Levis, C., F. R. C. Costa, *et al.* Persistent effects of pre-Columbian plant domestication on Amazonian forest composition. Science.v.355, n.2, março 2017, p.925–931. 2017.

Macmillan, G. At the end of the rainbow? Goldland and people in the Brazilian Amazon. Londres: Earthscan. 1995. 199 p.

Nilsson, M. S. T. e P. M. Fearnside. Yanomami Mobility and its Effects on Forest Landscape. Human Ecology, v.39, n.3, p.235-256. 2011.

Ricardo, C. A. Cronologia de um genocídio documentado In: C. A. Ricardo (Ed.). Povos Indígenas do Brasil, 1986-90. São Paulo SP Brasil.: Centro Ecumênico de Documentação e Informação - CEDI v.16, 1991. Cronologia de um genocídio documentado p.166-169.